

## Tema em Debate

*Crise e oportunidades*

# Bancos públicos são a chave para Brasil crescer na crise

“O Brasil deve aproveitar as oportunidades surgidas na crise, que veio para ficar. Para tanto, os bancos públicos são um importante aliado.” A recomendação é do economista Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES.

Lessa avalia que a presidente Dilma Rousseff caminha na direção correta, porém com muita timidez. Na Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), Dilma criticou duramente as políticas de corte de gastos aplicadas em Estados Unidos e Europa, sob pretexto de combater a crise. No entanto, no Brasil as modestas quedas dos juros têm tido, como contrapartida, aumentos do superávit primário (desvio de recurso para pagar juros), que representam cortes nas verbas que poderiam garantir mais investimento público ou aplicadas na área social.



*Lessa: ‘Dilma está na direção correta, mas é muito tímida’*

## China

Outros analistas ouvidos pelo MM concordam que o governo devia ter uma estratégia

car áreas estratégicas para buscar inovação: “Uma política industrial que se diz estratégica e diz que todos os setores são importantes não está fazendo escolha e o país não tem como bancar tudo.”

### Coordenação tem limite

Por sua vez, Lauro Vieira de Faria avalia que o Brasil hoje está mais forte do que há dez anos, por causa das reservas internacionais. Ele considera que o país tem a possibilidade de baixar juros no longo prazo, mas deve se precaver, inclusive com cortes de gastos, contra a disparada do dólar.

“É falsa a idéia de que o país possa estar descolado do que acontece no resto do mundo, como foi apregoado no governo passado. Na incerteza, os investidores correm para o mais seguro, que ainda são os títulos dos EUA, os metais, como o ouro, ou as commodities.”, frisa.

Para o economista, a cooperação no âmbito de fóruns como o G20 é necessária, mas deve ser acompanhada de políticas de médio e longo prazos:

“Alguns países acumularam reservas fantásticas e não aceitam valorizar suas moedas. É um desequilíbrio típico, que supõe mudança na política interna do país”, disse, referindo-se à China.

“A crise é no centro do sistema. Será muito difícil escapar de uma recessão mundial. Comparado com os Brics, o Brasil está crescendo menos. Já em relação a América Latina, ficamos na média”, lembra.

do Banco do Brasil, que não queria emprestar. Mas o país não insistiu nesse caminho nem construiu outro padrão. E abrimos mão de impor salvaguardas para nossa econo-

### Educação

Luiz Carlos Prado, professor da UFRJ e presidente do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, concorda que há limites para a eficácia da coordenação entre as políticas econômicas: “Houve tentativas de coordenação, mas a eficácia é muito limitada. Num momento como o atual, a Europa tem sua própria agenda e os EUA também, até porque estão envolvidos em questões domésticas muito complicadas. Difícil encontrar um espaço de cooperação.”

Prado não vê fundamentos no Brasil para a disparada do dólar além de movimentos especulativos. Para ele, a questão cambial será realmente equilibrada quando o país praticar juros alinhados com a média internacional.

Ele concorda que o país cuide da conjuntura, mas defende que olhe para o longo prazo, priorizando a Educação: “Há consenso neste sentido”, afirma.

Prado reitera que a queda dos juros abre espaço para o investimento, mas alerta que a gestão macroeconômica deve evitar que esses recursos extras não sejam canalizados para outros fins. O economista discorda dos que vêem o país dependente da poupança externa para se desenvolver.

“Se os imóveis e outros ativos estão subindo, significa que existe poupança. Esses ativos podem ir para várias coisas, daí a importância da gestão macroeconômica. Mas a questão não é de poupança, mas de funding. Ou seja, abrindo oportunidade, o investimento aumenta”, resume, acrescentando que o ideal é que o crescimento do consumo seja menor que o investimento.

“Na Ásia, investe-se 40% do PIB, mas numa sociedade democrática como a nossa, é muito difícil haver taxa dessa dimensão. No entanto, se voltarmos ao patamar histórico, de cerca de 25%, podemos crescer de maneira sustentável a um ritmo de pelo menos 4% ao ano.”